

ESTADÃO 
expresso

Parceria:

99

NA PERIFERIA

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA 2 DE JULHO DE 2021

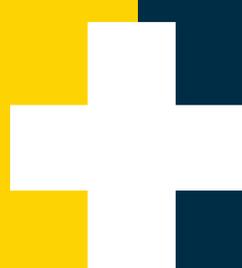
expressonaperifa.com.br

TERRITÓRIO PLURAL

A PERIFERIA NO CENTRO DO MUNDO

Com a palavra, coletivos engajados
que vivem e atuam em comunidades,
favelas, bairros e quebradas – e
conhecem sua realidade

PÁGs. 4 e 5



Acesso à segurança pública tem cor e endereço. No site do **Expresso na Perifa**, especialistas analisam a realidade de bairros com maioria da população preta e parda – e a distância que separa seus moradores do conceito de vida digna



Foto: Monstera/Pexels

DESIGUALDADE

JOVENS NEGROS LIDERAM EVASÃO ESCOLAR

Se a entrada no ensino básico e superior é problemática, a permanência é muito mais

Ariel Freitas

“Política genocida não se trata apenas de morte, mas também das ausências de oportunidades para o povo periférico e negro”, afirma a educadora social Mônica Cunha, coordenadora da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e fundadora do Movimento Moleque.

Sempre à frente no debate antirracista, ao comentar o alto índice de evasão escolar da população negra no Brasil Mônica diz que cada estudante negro e morador de favela carrega consigo dificuldades que vão além da compreensão dos

estudos – ou seja, se a entrada no ensino básico e superior é problemática, a permanência é muito mais. E continua: as políticas públicas deveriam ser inclusivas, sim, mas em seu lugar há um desamparo programado por questões raciais. “Hoje, ao ver uma criança negra na rua ou trabalhando em semáforos, as pessoas julgam como normal. Ao ver uma criança branca nas mesmas condições, o cenário muda”, acrescenta.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad/2019), os jovens negros de 14 a 29 anos

são maioria nas estatísticas de evasão escolar no ensino básico. Eles somam 70% dos alunos que abandonam os estudos. E os homens são os mais atravessados por essa realidade. “Você vê a diferença de oportunidades quando observa quem acessa instituições públicas de ensino, como as universidades federais”, diz. “São alunos de escolas particulares, geralmente de zonas mais nobres, e que não tiveram interrupção nesse processo. Mas, na política genocida, você não vê homens negros nessa proporção. Por quê? Se eles ainda não foram presos, estão mortos.”

Motivos de abandono

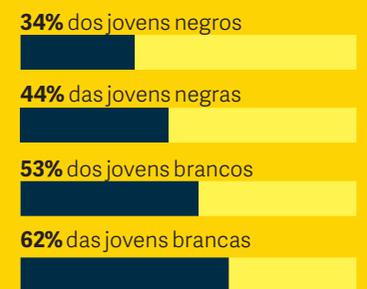
Dificuldade de deslocamento, renda familiar, acesso limitado à internet e falta de equipamentos afastam os jovens da escola. “A busca por renda pesa bastante”, diz Sérgio Franco, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Por questões que envolvem o racismo estrutural, a maioria das famílias negras têm poder aquisitivo menor e, entre o emprego e o estudo, acabam optando pelo trabalho.” O especialista acrescenta: alguns empregos oferecem carga horária que inviabiliza conciliar emprego e estudo. “Uma das áreas que mais contratam jovens negros e de favela são as linhas de supermercado, mas o horário não é compatível com a escola.”

Em números

Mapeados por um estudo do programa Global Opportunity Youth Network (Goyn), jovens-potência de São Paulo têm entre 15 a 29 anos e estão em vulnerabilidade social. Veja alguns desafios dessa geração e acesse o levantamento completo em www.goynsp.org

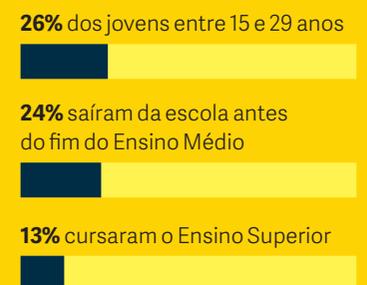
RACISMO ESTRUTURAL

Terminam o ensino médio



EVASÃO ESCOLAR

Não têm instrução

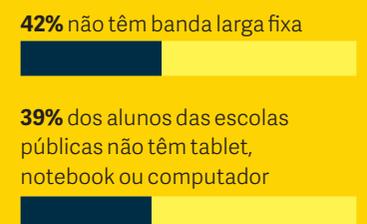


LACUNA DIGITAL

Nas mais de

800 mil

moradias em alta vulnerabilidade



Ariel Freitas integra o coletivo Favela em Pauta, que tem colaboradores nas cinco regiões do Brasil e faz jornalismo sobre a realidade da quebrada

Na segunda metade dos anos 2000 surgia na Bolívia o conceito de feminismo comunitário de Abya Yala, que se opõe à desigualdade e à opressão patriarcal e suas consequências sobre mulheres, homens e natureza

RIVIANELUCENA

Compartilhar, gerar conhecimento e acolher. Seguindo esses preceitos, a Escola Feminista Abya Yala se define como “um espaço de estudo coletivo, fortalecimento e cuidado entre mulheres ativistas na periferia”. Durante a pandemia, por exemplo, uma rede de apoio tem ajudado famílias vulneráveis chefiadas por mulheres na zona sul da cidade de São Paulo.

De certa forma, existe uma espécie resgate de um tempo em que fazia parte do dia a dia das comunidades compartilhar alimentos na vizinhança. Quando alguém fazia bolo, era quase regra levar um pedaço para a vizinha, e esta, por sua vez, não tardava em retribuir com uma fatia ainda quentinha. Se faltava a xícara de açúcar para completar a receita, bastava bater na porta ao lado. Em algum momento, porém, esse costume perdeu espaço para o cada um por si. “Era uma prática muito comum quando eu era criança, no bairro onde eu morava”, conta Andrea Arruda Paula, 51 anos, pedagoga e psicóloga do Campo Limpo, na zona sul da capital paulista.

Andrea leva na memória essa cultura do coletivo e da comunidade que efetivamente compartilha, mas não para por aí. Ela é uma das fundadoras da Escola Feminista Abya Yala, onde o feminismo comunitário é uma das bases. A rede foi construída para gerar conhecimento e, principalmente, acolher. Homens são bem-vindos nas atividades, mas a escola é voltada principalmente às chefes de família das periferias que moram de aluguel, sustentam suas casas e cuidam dos filhos sozinhas. Mulheres que, em sua maioria negras, têm histórias marcadas por violência

doméstica e subempregos.

Rede de apoio – Na pandemia, ao perceber o adoecimento mental diante do desemprego, da negação do auxílio emergencial e da violência doméstica, a rede articulou um grupo de 12 psicólogas voluntárias para atender os casos.

Ao longo de 2020, cem famílias chefiadas por mulheres receberam cestas básicas e alimentos orgânicos. Em 2021, foram arrecadados quase 7 mil

reais em uma vaquinha virtual que permitiu socorrer outras trinta casas. “Até no aluguel conseguimos colaborar para que algumas não fossem despejadas”, conta Andrea.

As campanhas de solidariedade continuam. As atividades da escola seguem no online, por enquanto, e estão concentradas sobretudo em rodas de cura de diversos temas, a exemplo de yoga, alimentação saudável, chás, ervas e escrita.

Mulheres ativistas.
Em suas casas, recebem cestas básicas e orgânicos

FEMINISMO COMUNITÁRIO

TEMOS DE ESTAR UMA PELA OUTRA

Rede de apoio ajuda famílias vulneráveis chefiadas por mulheres na zona sul de São Paulo



“Nós, mulheres, temos de estar uma pela outra”
Terezinha de Jesus Freitas, moradora no Capão Redondo

Corrente do bem.

Terezinha Freitas mora no Capão Redondo. Ela foi uma das beneficiadas com as cestas básicas da rede construída pela escola Abya Yala e dividiu o que recebeu com a irmã, que perdeu o emprego, e três vizinhas. “A gente sempre faz uma partilha com quem precisa”, diz

Fotos: Escola Feminista de Abya Yala/Divulgação

SOBRE ABYAYALA

- Abya Yala é um termo de origem guna, tribo que vive nas ilhas do arquipélago Guna Yala, no Panamá.
- Significa “terra madura” e tem sido usado por povos originários latino-americanos no lugar de América, como forma de fortalecer identidade e pertencimento.
- O Panamá reconhece a autonomia do território guna desde 1925; nele prevalecem os costumes, a cultura e o modos de vida da etnia.
- Em Guna Yala os indígenas mantêm vivas suas tradições e as mulheres são a autoridade máxima das famílias; a igualdade de gênero é um valor da sociedade.

Riviane Lucena integra o coletivo Embarque no Direito, que trabalha para fortalecer a democracia e combater o deserto de notícias sobre a periferia



Tome fôlego: as reportagens e análises do **Expresso na Perifa** discutem de diversidade à educação, passando por segurança, esporte e tecnologia. Direitos humanos? Sim. E tem mais: cultura, lazer, mobilidade urbana. Para acessar, não precisa ser assinante

O olhar de quem vive nas comunidades para os temas do dia a dia, seus desafios e transformações

TERRITÓRIO PLURAL

A REALIDADE DA

QUEBRADA



“Minha filha, que bênção a gente morar no Capão Redondo”, foi a reação de Terezinha de Jesus ao saber que a repórter Riviane Lucena estava mais perto do que imaginava, ali mesmo, pela sua vizinhança na zona sul de São Paulo. A identificação imediata foi o empurrãozinho que faltava para quebrar qualquer resistência. Terezinha topou conversar sobre sua participação em um projeto liderado por mulheres do bairro, a fim de apoiar famílias vulneráveis durante a pandemia (*saiba mais na pág. 3*).

“Naquele dia, completavam-se nove anos que ela tinha perdido o filho mais velho para a violência policial”, diz Riviane, do coletivo Embarque no Direito. “Acordou triste, mas disse que ficou muito animada com a nossa conversa.” Ouvir pessoas como a dona Terezinha e contar suas histórias pelo olhar de quem vive realidades muito parecidas é o objetivo do **Expresso na Perifa**, um canal de jornalismo focado nas periferias e nos bairros fora do centro expandido não só de São Paulo, mas de todo o País.

O QUE É

O **Expresso na Perifa** é um hub de conteúdo multimídia feito por quem vive e conhece o dia a dia das comunidades e periferias do Brasil

ONDE ESTÁ

Tem site atualizado todos os dias (expressonaperifa.com.br); jornal impresso nas ruas uma vez por mês; podcast e vídeos

QUEM FAZ

É uma parceria entre a 99, empresa de mobilidade e conveniência, o **Estadão BlueStudio** e coletivos periféricos

O QUE DIZ

O **Expresso Na Perifa** faz com que as discussões sociais levantadas por quem vive nas franjas das cidades sejam ouvidas e ampliadas

Confira o site



NA REALIDADE DA QUEBRADA

Conheça os coletivos que ajudam o Na Perifa a levar ao público boas histórias

Embarque no Direito

Fortalecer a democracia e combater o deserto de notícias sobre a periferia são princípios do Embarque no Direito, que atua na zona sul de São Paulo desde 2018. "Acreditamos na democratização da informação como forma de aproximar o público da notícia", diz Riviane Lucena. Além de produzir conteúdo para site e redes sociais, o grupo distribui um jornal impresso bimestral em terminais de ônibus, estações do metrô e organizações sociais presentes nesses territórios.

Favela em Pauta

A cobertura de moradores da periferia para os Jogos Olímpicos de 2016 foi o embrião do coletivo que hoje atua nas cinco regiões do Brasil, multiplicando o jornalismo conectado à realidade da quebrada. "A favela sempre esteve em pauta, mas a posição da câmera, de fora para dentro, limita-se a registrar o olhar de quem entra. Quem olha nem sempre enxerga suas complexidades e valores", afirma Ariel Freitas, que é do Rio Grande do Sul e defende a ampliação do debate e a disputa de narrativa sobre as periferias.

Juca Guimarães

Juca Guimarães morou em diversos bairros da periferia de São Paulo. Jornalista há mais de 20 anos, tem um olhar atento e crítico para as franjas da cidade, onde vive a maioria da população. "O humor da periferia indica, geralmente, para que lado está indo todo o caldo cultural e social do País. Se a renda per capita é menor na periferia, por outro lado, em volume de negócios e geração de informação, é lá que são construídas as maiores cifras", diz.

Lá da Favelinha

As atividades são voltadas para o cotidiano do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, e têm a participação efetiva dos moradores. "São pessoas faveladas que produzem arte, cultura e educação a partir das suas vivências", conta Danny Mendes, colaboradora do Na Perifa ao lado de Kdu e Negona Dance. Suas pautas traçam um panorama intenso do território ao falar de funk, luta das mulheres negras, geração de renda, moda, juventude e a comunidade LGBTQI+.

Periferia em Foco

O que move as engrenagens do coletivo é a realidade da região metropolitana de Belém (PA), em especial o bairro da Cabanagem, onde moram os fundadores. "Mostramos as histórias dos heróis da periferia e as principais reportagens são as de valorização do território e de suas potencialidades", diz um dos coordenadores, Wellington Frazão, ao lado do educador social Carlos Gouvêa e do jornalista Cássio Miranda. Além de site e redes sociais, o Periferia em Foco faz webséries e reportagens em vídeo.

PerifaConnection

Quando começou, em 2019, o PerifaConnection era um grupo de cinco jovens ativistas da periferia do Rio de Janeiro dispostos produzir conteúdo com a visão de dentro dos territórios, que não fosse atravessada por um viés elitista. Além de Jefferson Barbosa, Raul Santiago, Salvino Oliveira, Thuane Nascimento (Thux) e Wesley Teixeira, há uma rede de colaboradores em diversas regiões do Brasil. "Vemos que o trabalho está dando certo quando conseguimos disputar novos espaços que são negados à periferia", afirma Thux.



MAIS SEGURANÇA

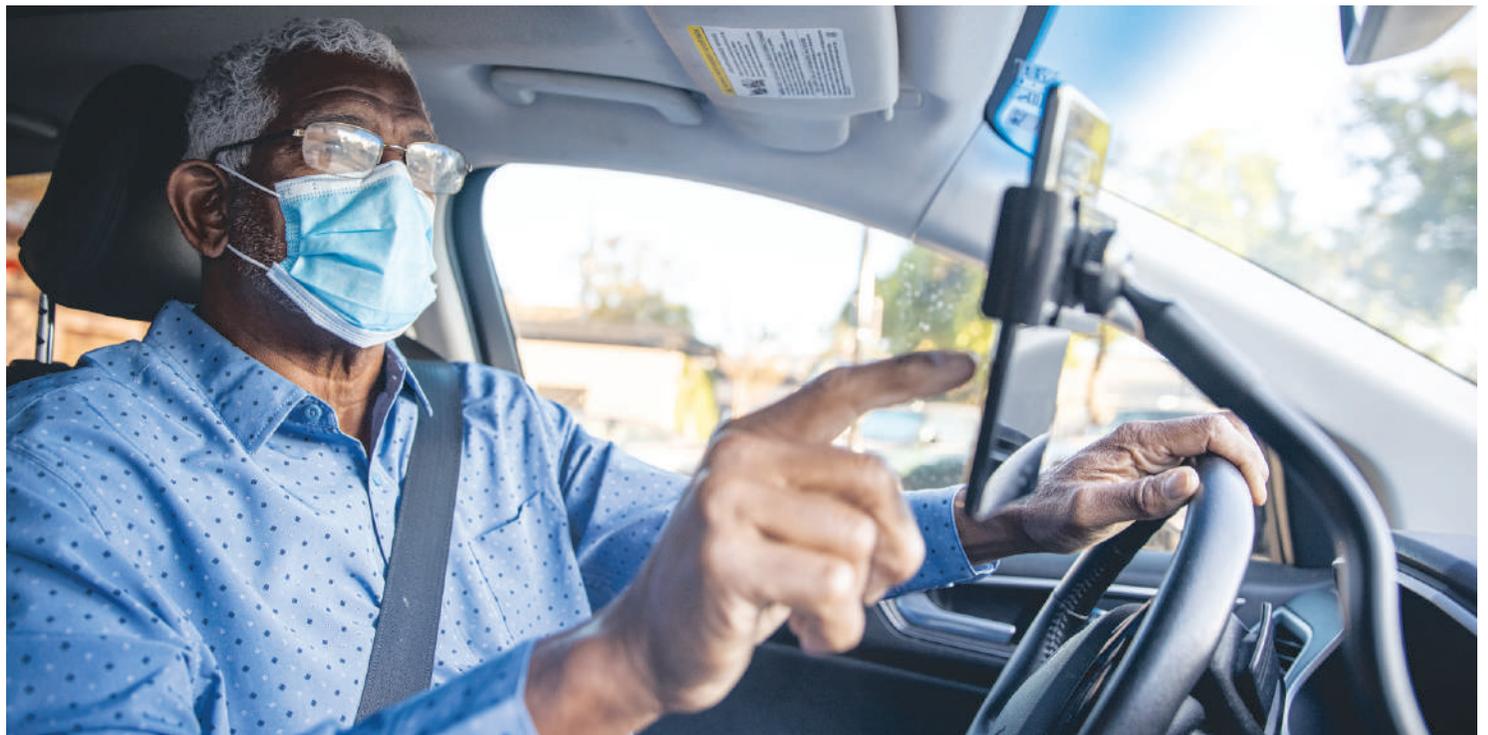
NAS RUAS E NO TRANSPORTE POR APP

Paulo Fabrício Guimarães Queiroz da Silva tem 44 anos e desde 2017 circula pelas ruas de Goiânia (GO) como motorista parceiro de aplicativos. “Graças a Deus, nunca tive problemas”, diz Silva, mas, assim como em qualquer profissão, existe o receio. Vivemos em um país com um dos maiores índices de violência mundiais, e quem está ao volante também é vítima desse cenário.

Diante do contexto da violência nacional, todos tentam se proteger. A 99, por exemplo, implantou câmeras de segurança que funcionam 24 horas por dia. Com uma lente conhecida como “olho de peixe”, o equipamento captura imagens dentro e fora do veículo e também o som ambiente. Além disso, tem GPS. “Passa uma tranquilidade para todos. Ao escutar a mensagem, muitos passageiros dizem que se sentem mais seguros”, destaca Silva.

Tecnologia com sistema de câmeras é aliada não só de passageiros, mas também de motoristas parceiros de carros por aplicativos

Foto: Getty Images



SEGURANÇA E PRIVACIDADE

Durante a viagem, o motorista parceiro pode acionar o botão de alerta da câmera. Assim, a Central de Segurança da 99 é avisada, e o equipamento registra, em tempo real, as imagens, que são mantidas em confidencialidade. Como a lente tem “visão noturna”, é possível gravar com qualquer luminosidade. Essas imagens ficam armazenadas por dois meses, seguindo todas as determinações de

privacidade previstas em lei, assim como as políticas de privacidade da 99. Os arquivos são acessados apenas pela polícia, se necessário, mediante ofício.

Os benefícios dos investimentos em tecnologia se refletem nos números. Em 2020, o aplicativo registrou queda de 29% em todo o País na quantidade de ocorrências graves na plataforma. Ceará

(-60,79%), Pará (-55,22%) e Paraná (-45,75%) apresentaram as maiores reduções. Os números também são expressivos no Rio de Janeiro (-37,62%) e em São Paulo (-13,85%).

NASCIDADES

Com o avanço da tecnologia, diversas cidades pelo País montaram centrais para a vigilância permanente. O recurso

de registro de imagens é utilizado em ônibus, trens e estações de metrô, assim como nas ruas e avenidas. Só para citar dois exemplos, Belo Horizonte (MG) e Brasília (DF) são duas delas. Dados do Atlas da Violência 2020, divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), demonstram que as duas unidades da federação registraram quedas nos

números de homicídios em um período de 10 anos, com reduções de 13,3% e 34,7%, respectivamente.

Não é possível afirmar que a melhora nos indicadores está relacionada apenas com o acréscimo das centrais de monitoramento. Mas é fato que a evolução tecnológica faz parte das ações implementadas no processo de gestão da segurança pública.



Seguir

Isabel Oliveira
Motorista Parceira 99

21h16 - 15 Mai 2021

Compartilhamentos Curtidas



Sistema de Segurança 99

Ouvindo motoristas parceiros e passageiros, o sistema foi criado com diversas iniciativas e melhorias para a sua segurança do começo ao fim da corrida.

Conheça todos recursos em: 99app.com/seguranca

Baixe o app aqui

Disponível na
 App Store

DISPONÍVEL NO
 Google Play



99

Se cuida,
vai de 99.

No Jardim Elba, times de várzea distribuem cestas básicas, botijões de gás e marmitas. Veja o drible e os gols no site do **Na Perifa**

Juca Guimarães

é jornalista há mais de 20 anos e tem olhar atento e crítico para as franjas da cidade

Na zona sul da capital paulista mais de 3 mil famílias são atendidas todos os meses pela Associação Pequeno Mestre, que fica no Capão Redondo. O espaço de 2 mil metros quadrados e piscina aquecida foi aberto em 2015 pelo mestre de kung fu Cezar Snyder. O campeão mundial tinha um sonho: criar uma organização dedicada a projetos esportivos e sociais, sem mensalidades. Conseguiu.

Atualmente, além de artes marciais e outras atividades físicas para todas as idades – a exemplo de natação, hidroginástica e dança –, são oferecidos programas culturais, educacionais e socioeducativos. Há ainda atendimentos na área da saúde, cursos profissionalizantes e ações humanitárias. “Desde o início da pandemia de covid-19, já distribuimos mais de 150 toneladas de alimentos”, diz Snyder. Ele afirma que quem ensina aprende duas vezes. “É mais feliz quem ajuda o próximo.”

Breve história de Snyder – Ele tem 44 anos, é o caçula de nove irmãos e chegou ao bairro do Capão Redondo com a família no início da década de 1980. “Faltava o básico em casa e muitas vezes minha mãe tinha que pedir algum alimento emprestado para os vizinhos”, lembra. “Não tinha geladeira. Coisas básicas, como água gelada e alimentos frescos, eram luxo.” As crianças costumavam pedir fôrma de gelo à vizinha, misturar um pouco de açúcar e imaginar que era sorvete.

Snyder começou a trabalhar quando tinha 8 anos e logo se destacou nos estudos e nos esportes. Para pagar a mensalidade,



Crianças do Capão Redondo: na piscina da Associação Pequeno Mestre

ASSOCIAÇÃO PEQUENO MESTRE/DIVULGAÇÃO

ESPORTE E LAZER

PEQUENO GRANDE MESTRE

Associação patrocina atletas, apoia famílias e oferece atividades esportivas, culturais e socioeducativas

de, chegou a ter um emprego na mesma escola em que estudava. Aprendia em livros e cadernos doados.

Na primeira vez em que viu uma apresentação de kung fu, Snyder tinha 15 anos. Foi num desfile de Independência no 7 de Setembro. Ele conta que aquilo ficou na cabeça, mas não dava para pagar. O jeito foi fazer três anos de capoeira numa associação gratuita e depois, mais velho, usar o salário para pagar a matrícula e o uniforme do kung fu.

Rumo ao pódio – Basquete, voleibol, natação, atletismo. Snyder competia em todos esses esportes, mas foi no kung fu que conquistou os títulos de campeão paulista, brasileiro, sul-americano e mundial, em 2004. Dois anos depois, abriu a própria academia no bairro onde cresceu. Certo dia, algumas crianças apareceram e ficaram assistindo a aula. “Elas voltaram umas três vezes, até que um deles tomou coragem e perguntou o valor da mensalidade. Eu disse que era 50 reais e pude notar a decepção em seus olhos”, diz o mestre. “Pra minha surpresa, como não podiam pagar, eles tentavam acompanhar as aulas lá de fora.”

A cena comoveu Snyder e fortaleceu a ideia de construir um polo de projetos sociais sem mensalidades. Desde 2015, portanto, a Associação Pequeno Mestre está aberta às crianças e famílias do Capão Redondo. Ela também apoia o sonho de atletas. É o caso da capoeirista Duda Ferreira, de 17 anos, bicampeã mineira e tetracampeã paulista. “Esse patrocínio garante a minha vida de atleta”, afirma Duda. “Faço várias modalidades e treinamentos. Eu não tinha dinheiro nem para competir. Hoje tenho 30 títulos; antes do patrocínio eram 18.”